

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA
11 de Abril de 2025

LA FOLIE ALMAYER / 2011
(A Loucura de Almayer)

Um filme de Chantal Akerman

Realização: Chantal Akerman / Argumento: Chantal Akerman, com a colaboração de Henry Bean e Nicole Brenez, baseado no romance *Almayer's Folly* de Joseph Conrad / Direcção de Fotografia: Raymond Fromont / Direcção Artística: Patrick Dechesne / Guarda-Roupa: Catherine Marchand / Som: Cécile Chagnaud / Montagem: Claire Atherton / Interpretação: Stanislas Merhar (Almayer), Marc Barbé (capitão Lingard), Aurora Marion (Nina), Zac Andrianasolo (Dain), Sakhna Oum (Zahira), Solida Chan (Chen), Yucheng Sun (capitão Tom Li), Bunthang Khim (Ali).

Produtores: Chantal Akerman e Patrick Quinet / DCP, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 127 minutos / Estreia em Portugal: King, a 25 de Outubro de 2012.

Oito anos depois de **Demain on Déménage** Chantal Akerman regressou à ficção, adaptando uma história de Joseph Conrad. Pequeno parêntesis: podemos aceitar o argumento que defende que, passados os anos 70 (e as ficções "estruturalistas": **Jeanne Dielman, Je Tu II Elle**), a obra mais relevante de Akerman foi feita fora da ficção, em zonas de fronteira entre géneros ou mesmo cristalinamente instaladas dentro das coordenadas do documentário entendido no seu sentido comum; aceitamos o argumento, mas levantamos o caso do belo **La Captive** (de 2000), ficção delirante construída no encontro (maravilhoso e monstruoso) entre Proust e **Vertigo**. O facto é que **Demain on Déménage**, segunda insistência de Akerman na comédia de inspiração clássica (depois de **Un Divan à New York**, de 1994), era provavelmente o mais frouxo filme de toda a obra da realizadora belga, que talvez nunca tenha conseguido resolver plenamente o seu fascínio pelo "cinema de género", em particular a comédia, e a sua vontade de o "reinventar". Em todo o caso, **La Folie Almayer**, que ficou como derradeira ficção de Chantal (depois dele só houve o dorido e doloroso **No Home Movie**, em 2015), tem muito mais a aproximar-lo de **La Captive** (e do trabalho da realizadora sobre matrizes literárias) do que dessas experiências no género cómico. A boleia de Conrad desta vez, partia para as paragens, pantanosas e doentias, da Malásia - em francês, "Malaisie", quase o mesmo que "malaise" (doença), coisa que nalguns momentos não é indiferente na maneira de os actores pronunciarem as palavras. Reconhece-se a constelação de temas cara a Akerman (em especial, no recorte, e destino lançado em flashback, da personagem de Nina), e nem tudo do "comentário colonial" de Conrad é elidido. Mas em primeiro plano fica mesmo a "doença tropical", a história da loucura de um homem (o dito Almayer, Stanislas Merhar, actor que vem da **Captive**) a desfazer-se entre o fracasso e a impotência, emoldurada pela paisagem tropical (a vegetação, os pântanos: casamento impossível, mas muito bem imaginado por Chantal, entre **Wind Across the Everglades** e Apichatpong) e todas as cores da natureza, não muito diferentes - aliás é por aí que o filme começa - das de um cabaret manhoso, a transformar a tradicional "indolência" colonial em veneno espesso, e enleante como as baladas de Elvis que Almayer toca no seu gira-discos.

L.M.O.